

O PALAVRÃO ROLA NA BOCA

Reivaldo Vinas

Jornalista e escritor. Atualmente é um dos editores da revista Brasília, no Distrito Federal. É co-autor de *Texto e Pretexto*.

Uma noite entediante de domingo, nada que dizer, um desacordo com a vida que doía em cada músculo levaram-me ao bar Maracaibo num dia de setembro. Não lembro bem o ano, só o tédio e o fato de que lá estavam o cartunista Biratan Porto e o poeta Ruy Barata desarrumando o cavanhaque com mão trêmula. Ao lado dele a incansável Vasti. Hesitei em sentar. Da última vez no dia de seu aniversário, Ruy me fizera beber três doses de uísque num canto do Bar do Parque, sob alegação de que, afinal, era seu aniversário, e depois da terceira, o espírito mais avesso à bebida sucumbe à sedução. Também pudera, depois da segunda, para o mau bebedor, o mundo gira. Tanto faz uísque ou gasolina, tudo passa a ter o gosto cativante da incerteza.

Ruy estava particularmente feliz, a língua ferina de sempre chicoteando reacionários, puritanos, abstêmios e mais artistas. Mas em dado momento largou mão da ironia e falou com seriedade rígida e desconcertante. Aliás, questionou como quem revida ofensa com impropério e punhal: "Mas o que é, afinal, a poesia?" Não era um enunciado blasé, jogo de cena, acento de retórica. Era dúvida mesmo, dúvida atroz atravessando a alma.

Não recordo se algum dos presentes de imediato tentou responder. Lembro apenas que Ruy, seguidas vezes, num exercício de pergunta e resposta insatisfatória, falou sozinho por uns vinte minutos; na verdade, travava diálogo com o etéreo. A voz batia no vento, mas nem eco nem corvo respondiam. O cavaleiro prosseguia perdido, sem nenhum consolo, a voz caindo n'água. Depois disso, nunca mais o vi assim, respondendo o irrespondível, querendo alcançar o sol. Mesmo no sono da morte talvez não tenha encontrado a resposta definitiva, capaz de abrandar o tumulto: "Mas o que é a poesia, afinal?"

Já estava cansado, o Ruy, doente. Fazia esforço descomunal para declamar em francês os poemas de Verlaine. Sua figura carismática evocava a dos sábios da velha China; um pássaro pressago. Homem que sabia segredos, intimorato, tinha paixão igual pela poesia e pela música, essas deusas que levam os homens ao êxtase e à loucura.

Decididamente, não se enquadrava. Era visível a sua superioridade verbal nos botequins de esquina, onde se sentia mais à vontade que em suas aulas na Universidade Federal do Pará, acabrunhado pelos programas dos cursos de literatura brasileira, limitado pelos 45 ou 90 minutos de aula.

Bom era ouvi-lo falar sobre o que desse na telha; sobre literatura, sim, mas fora dos compêndios, longe dos tomos. Às vezes, no entanto, vencendo o enfado, discorria brilhantemente em suas aulas sobre naturalistas e românticos, com a desenvoltura do ator, com seus rigores de mestre. Bastava que sentisse a necessidade da fala, a ânsia do comentário, sem a obrigação imposta pela docência bem comportada, fechada entre quatro paredes. Aí se libertava, mostrava o quanto havia acumulado ao longo de mais de meio século no exercício da palavra poética.

No curso de crítica literária do Mestrado em Letras da UFFA, o ensaísta e professor Benedito Nunes fez um jogo. Perguntou: "De quem é o verso: O palavrão rola na boca e salva o mundo? Os mestrandos hesitaram, o verso era, sem dúvida, conhecido, mas qual o poeta? Depois de um certo

tempo Bené disse: "É de Drummond". Ninguém duvidou, mas houve estranheza. Que poema de Drummond acolheria verso tão bem posto e esquecido? A aula prosseguiu e Bené desfez a curiosidade: "O verso é do Ruy, do Ruy Barata, mas bem poderia ter sido de Drummond", comentou.

Guardo a impressão de que Ruy é um poeta significativo que por força das circunstâncias deixou-se ficar aquém de suas possibilidades. Poderia ter alçado vãos mais altos; sua poética era capaz de resultados formidáveis, o que se percebe facilmente pela condução que imprimiu aos poemas de seus dois únicos livros publicados. *Anjo dos abismos* e *A linha imaginária*. Importava-lhe a elaboração paciente do verso; o trabalho intelectual para a construção do poema; o conhecimento do ofício ingrato de escritor. "A poesia não é mera inspiração", repetiria incessantemente aos aspirantes que o procuravam com versinhos mal acabados. "É preciso ler muito, ler em outros idiomas: um poeta não pode conhecer apenas a língua de seu berço; um poeta precisa devassar a intimidade vocabular e estética de outros poetas", afirmava mais tarde.

Morreu às 13 horas do dia 23 de abril de 1990, em Higienópolis (SP), de embolia pulmonar, depois de submeter-se a uma operação de próstata. Estava com 69 anos, bebia e fumava muito, mas não esperava a morte àquela altura. Estava em São Paulo no desenvolvimento de sua pesquisa sobre a passagem do escritor Mário de Andrade pela Amazônia.

Tinha sete filhos; um deles, Paulo André, foi seu parceiro em músicas como *Pauapixuna*, *Foi assim e Esse rio é minha rua*, sucessos nacionais na voz de Fafá de Belém. Algumas de suas músicas com Paulo André também foram gravadas por Nara Leão e Leci Brandão. Canções com gosto de chuva e cheiro de mato, plenas de amazonidade. A parceria se estendeu com Edyr Proença, Antônio Carlos Maranhão e Alfredo Reis, entre outros compositores locais.

Ruy, compositor, comunista, ex-deputado estadual cassado e preso pelo regime de 64, professor aposentado, jornalista e, sobretudo, poeta, levou para o túmulo a convicção de que poesia é trabalho, concentração, leitura, atividade de resistência. Creio firmemente que estava certo.

Faltou, talvez, aquela obra fulgurante e definitiva, capaz de revelar um poeta absolutamente senhor dos horizontes de sua palavra, cômico ainda mais de seu pesado ofício. Tudo o que deixou em seus dois livros e nos trechos publicados do longo poema *O Nativo de Câncer*, contudo, são mostra suficiente de sua eficácia de artesão, de artista comprometido com a natureza do verbo, de Poeta, enfim, como poucos nos tem legado esta terra.

"E no silêncio uma folha caída, uma batida de remo a passar", sinto saudades de Ruy Barata.

Aqui sim,
aqui iniciarei a espécie nova,
aqui derrotarei o homem-harpa
e pronto estou para a descoberta do sexo.
O pincel dá-me o poder do patriarca,
a navalha reduz a timidez e o medo,
o palavrão rola na boca e salva o mundo.

(A Linha Imaginária)